

**Formação de leitores e o processo de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental**

**Training of readers and the literacy process in the early years of elementary school**

Submissão: 04/03/2019 | Aceite final: 25/04/2019

**Emanuella de Moura Bezerra** | Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil |  
E-mail: emanuellacom2l@hotmail.com

**Resumo**

O objetivo desse trabalho é analisar as contribuições da literatura infantil no processo de alfabetização e na formação leitora das crianças no ensino fundamental. Ressalta-se ainda as contribuições de Ferreiro (1999), Góes (2010), Ferreiro & Teberosky (1985), para o processo de alfabetização e contribuições de Barbosa (1999), Freire (1989), Solé (1998), Barberger (1987) Raimundo (2007) acerca da formação de leitores. Trará nuances entre a criança e a relação que existe entre ela e a leitura, fazendo menção sobre o tipo de leitura que é oferecida à criança. Quanto aos aspectos metodológicos trata-se de uma pesquisa qualitativa. O instrumento de coleta de dados foi um questionário aplicado com professoras do Ensino Fundamental Anos Iniciais, do 1º ao 3º (período de alfabetização), de duas escolas municipais do município de Alto do Rodrigues/RN. Os resultados apresentam as concepções dos docentes acerca da alfabetização e da formação de leitores do primeiro ao terceiro ano do ensino fundamental. Por fim, serão tratadas as possibilidades da alfabetização está articulada com a literatura infantil pode se tornar uma aliada imprescindível no processo de alfabetização, através da mesma o educador poderá desenvolver a criatividade, a ludicidade, a imaginação e conseqüentemente o hábito pela leitura, ou seja, formando o aluno um leitor e não um mero decodificador de letras.

**Palavras-chave:** Alfabetização; Formação de leitores; Literatura infantil.

**Abstract**

The objective of this work is to analyze the contributions of children's literature in the literacy process and in the reading instruction of children in elementary school. The contributions of Ferreiro (1999), Góes (2010), Ferreiro & Teberosky (1985), among others,

to the literacy process are also worth mentioning. It will bring nuances between the child and the relation between it and the reading, making mention of the type of reading that is offered to the child. As for the methodological aspects, this is a qualitative research. The results present the conceptions of teachers about literacy and the training of readers from the first to the third year of elementary school. Finally, the possibilities of literacy will be dealt with, it is articulated with children's literature and can become an indispensable ally in the literacy process, through which the educator can develop creativity, playfulness, imagination and, consequently, the habit of reading , Forming the student a reader and not a mere decoder of letters.

**Keywords:** Literacy; Training of readers; children's literature.

## Introdução

O hábito da leitura ajudará na formação da opinião e de um espírito crítico, principalmente a leitura de livros que formam o espírito crítico, enquanto a repetição de estereótipos empobrece. (GOES, 2010, p.47)

No atual contexto, as práticas de leitura estão associadas aos valores, aos aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais. A escola tem como responsabilidade sistematizar processos pedagógicos de ensino e aprendizagem da leitura. Esses processos pedagógicos ocorrem no momento de alfabetização de crianças, jovens e adultos. A apropriação da leitura e escrita na escola está interligada as interações sociais e seus rebatimentos na dimensão psicológica do ser (GOES, 2010).

O trabalho docente no processo de alfabetização apresenta diversos questionamentos: Como elaborar metodologias de ensino de leitura e escrita que atendam a heterogeneidade discente? Essas metodologias contribuem para a formação de leitores?

É válido ressaltar a contribuição acadêmica da temática para o planejamento e prática do pedagogo no processo de alfabetização e seus rebatimentos na formação do leitor.

Diante dessas inquietações o presente trabalho tem como finalidade analisar os elementos necessários para formação leitora da criança no período de alfabetização, e a importância do trabalho articulado entre alfabetização e letramento literário na docência

das professoras alfabetizadoras. Dessa forma, o presente estudo tratará da alfabetização contextualizada com a literatura infantil, metodologia apropriada, e sua contribuição no desenvolvimento leitor do alfabetizando.

Atualmente compreendemos que ler, como bem aponta Freire (1989), é um ato de apropriar-se do mundo, na perspectiva de compreender a empregabilidade deste ato para a própria vida. Ferreiro (1996, p.24) afirma que “o desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças”. Nesta percepção de leitura o aluno é participante do processo de construção do conhecimento, utilizando-se de suas vivências para isso.

Buscando a interligação entre a realidade dos educandos, a aprendizagem da linguagem simbólica/escrita e a utilização da literatura como instrumento pedagógico de ensino, nos respaldaremos em autores como Barbosa (1999). O mesmo defende a contação de histórias como fator relevante para a expressividade da criança, pois “Para a criança, ouvir histórias estimula a criatividade e formas de expressão corporal. Sendo um momento de aprendizagem rica em estímulos sensoriais, intelectuais, dá-lhe segurança emocional” (BARBOSA, 1999, p.22). Ferreiro (1996) e Freire (1989), no que se refere à interligação entre aprendizagem da língua escrita ao contexto social dos educandos, gerando um diálogo entre conhecimentos prévios dos alunos e os conteúdos ministrados em sala de aula.

Diante dessas questões, ensinar ganha proporções que ultrapassam as salas de aula e seus conteúdos. Apresentando necessidades quanto a interligação de tais saberes, exigindo uma revisão das práticas metodológicas. Dentro deste contexto a ludicidade ganha especial destaque fazendo uso de aparatos como contação de história, brincadeiras, jogos educativos, entre outras atividades que fazem parte do universo do ensino da educação dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Percebendo que a aprendizagem na infância ocorre nas interações que se estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circundam, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicam as condições a que estão submetidas e seus anseios e desejos.

Essa interligação entre cognição e sensibilidade instigadas pela literatura proporcionam conhecimentos significativos e permitem compreender a linguagem escrita

como uma finalidade prática para conhecer o mundo e também representá-lo por meio de palavras. Assim, as crianças percebem que ler é um ato de apropriar-se da realidade, bem como modificá-la por meio da imaginação.

Nesta ótica, ao descrever o processo de alfabetização, torna-se necessário manter um enfoque sobre como este vem sendo desenvolvido dentro das salas de aula. Uma vez que o mesmo lida diretamente com o desenvolvimento cognitivo inteligente dos educandos.

Tornando notório o papel do professor na construção dessa competência, no desenvolvimento cognitivo que ocorrerá com êxito se o ensino for prazeroso e atrair a atenção da criança, se tornando uma aprendizagem significativa.

### **Alfabetização, etapas e desafios**

O processo de alfabetização é constituído de várias etapas e revestido de fatores intrínsecos e extrínsecos que são colaboradores para a construção da formação de um leitor (ALMEIDA, 2002). Nesse sentido, o professor nas suas práticas pode auxiliar no desenvolvimento de habilidades de leitura, bem como na motivação para as práticas de leitura e escrita no cotidiano escolar da alfabetização. A concepção de alfabetização utilizada nesse trabalho tem como premissa a teoria da psicogênese da língua escrita proposta por Emília Ferreiro. Nas palavras "a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola e que não termina ao finalizar a escola primária" (FERREIRO, 1999, p. 47).

Contudo, as metodologias de ensino utilizadas no contexto pedagógico podem favorecer capacidades psicológicas como imaginação, sequência de fatos, narrativa, oralidade, entre outros componentes que fazem parte do universo da leitura. Surgindo o pressuposto de que "o desenvolvimento da leitura entre crianças resultará em um enriquecimento progressivo no campo dos valores morais, da cultura da linguagem e no campo nacional" (GÓES, 2010, p.47).

Neste contexto torna-se importante envolver o lúdico, mexer com a fantasia e explorar a oralidade da criança. A literatura, nesta perspectiva, se torna um instrumento importante para interligar a fantasia, a palavra escrita e a vivência dos alunos, sendo dotada de padrões linguísticos e sociais, proporcionando um diálogo entre a criança e o

mundo da leitura. Como diz Kishimoto, "é através da atividade lúdica a criança forma conceitos, seleciona ideias e estabelece relações lógicas." (1993, p. 16)

Neste enfoque, o lúdico pode auxiliar na construção do processo ensino aprendizagem em todas as áreas do conhecimento, desde que seja trabalhado de acordo com a faixa etária dos alunos, para que se consiga alcançar os objetivos propostos.

Entendo que o processo de alfabetização de crianças deva ser realizado com prazer e construção e que a estratégia lúdica vem se configurando como uma importante ferramenta para o desenvolvimento infantil e aquisições formais.

Por meio de uma aula lúdica, o aluno é estimulado a desenvolver sua criatividade e não a produtividade, sendo sujeito do processo pedagógico. Por meio da brincadeira o aluno desperta o desejo do saber, a vontade de participar e a alegria da conquista. Quando a criança percebe que existe uma sistematização na proposta de uma atividade dinâmica e lúdica, a brincadeira passa a ser interessante e a concentração do aluno fica maior, assimilando os conteúdos com mais facilidades e naturalidade. (KISHIMOTO, 1993).

Durante a construção da competência leitora, outro fator que influencia positivamente, é a emoção, no que diz respeito ao envolvimento e as sensações provocadas pela contação de histórias. Isso perpassa pela premissa das características que uma obra literária infantil deve reunir em seu universo para capturar o leitor em sua fluência imaginária. Para tanto, torna-se evidente que a leitura deve reunir elementos que não a tornem enfadonha (FRANTZ, 2011).

Dessa forma, o trabalho desenvolvido com a leitura literária na fase de alfabetização, contribui, facilita e auxilia o processo de aprendizagem, como também desenvolve a capacidade criadora e a fantasia e, conseqüentemente o prazer pela leitura. Inserir a literatura como metodologia no processo de alfabetização com ludicidade, é apresentar a criança a uma aprendizagem prazerosa, através da literatura a criança convive com situações diferentes de seu dia a dia. Para que a criança esteja inserida no universo literário, não necessariamente é preciso que a mesma saiba ler. De acordo com Maia (2007), é fundamental que a criança vivencie atos de leitura antes de decodificar a língua escrita, ou seja, é primordial que a criança seja estimulada desde cedo a adentrar

ao universo literário, pois a literatura proporciona experiências expressivas, e logo se tem um maior estímulo ao aprender a ler e escrever.

Nesse sentido, o uso da literatura no processo de alfabetização motiva tanto a leitura na vida escolar como na vida social da criança, contribuindo assim, para formação leitora da mesma. Para Chaves (2011, p.56):

Quando a criança ouve a leitura, a contação de histórias, lê ou conta uma história, ativa uma série de capacidades, como a memória (recorda-se de outros momentos, de histórias ouvidas ou lidas, a atenção (se a história ou recurso utilizado para a contação da história a envolve completamente, ela para ouvir assume uma atitude de ouvinte atento), a fantasia (imagina-se parte da história contada, visando mundos e personagens, ativando suas emoções). Isto é o livro traz cristalizadas em si as capacidades humanas e, na atividade de contação ou leitura de histórias, a criança vivencia e ativa o uso dessas capacidades, tornando-as individuais, parte de sua humanidade. Dentre essas qualidades humanas formadas, apropriadas e desenvolvidas socialmente estão[...] diferentes formas de linguagem e de pensamento, imaginação sentimentos, capacidade de planejamento, dentro outros.

Possivelmente, uma metodologia que envolva os elementos que desenvolvam uma aprendizagem prazerosa e significativa propõe grandes chances para o sucesso do processo de alfabetização dos anos iniciais do Ensino Fundamental, bem como contribuirá para o desenvolvimento do gosto pela leitura.

Nesse sentido, a ação pedagógica e as estratégias metodológicas pautadas na ludicidade e no desenvolvimento de habilidades simbólicas podem contribuir nos processos de aprendizagem, alfabetização e formação leitora (RONCA; TERZI, 1995).

De todo modo, as estratégias/procedimentos utilizados pelo professor durante as aulas devem ser estimuladores, coesos e com perspectivas que subsidiem todo o percurso da aprendizagem das crianças, principalmente em se tratando de sua alfabetização.

O incentivo à leitura é um dos desafios da educação escolar e do processo de alfabetização. Essa motivação perpassa os diálogos entre a leitura de mundo e a leitura de símbolos linguísticos que existem grafados em sua língua materna, bem como de seus significados que estão implícitos nos textos e requerem uma maior compreensão e estruturação de ideias dispostas (FREIRE, 1989).

Assim, a leitura para deleitar-se pode ser constituída por um mistério aparente, que desperte no aluno a curiosidade de se chegar ao fim da história, o desfecho do enredo poderá ser dado um novo rumo e ficar com as características dos seus recriadores literários. Antunes considera que:

A leitura possibilita a experiência gratuita do prazer estético, do ler pelo simples gosto de ler. Para admirar. Para deleitar-se com as ideias, com as imagens criadas, com o jeito bonito de dizer literariamente as coisas. Sem cobrança, sem a preocupação de qualquer prestação de contas posterior. Apenas sentindo e, muitas vezes, dizendo: "Que coisa bonita!". (2003, p.71)

Diante do exposto, percebe-se a importância da metodologia de ensino nos anos iniciais do Ensino Fundamental com vistas ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

### **A criança e a relação com a leitura**

Para compor a formação de conceitos nos indivíduos que estão em processo de desenvolvimento da linguagem, a leitura deve seguir alguns pressupostos didáticos. Quando lemos, temos vários objetivos, tais como seguir instruções, obter informação sobre algo, aprender, revisar um escrito, por prazer, para comunicar, para se entreter e outros. Ou seja, a leitura serve para um fim e, através dela, o leitor pode encontrar respostas a seus questionamentos. Ninguém lê algo sem um objetivo, sem um porquê.

A leitura, segundo Solé (1998, p.116), "é um processo de emissão e verificação de previsões que levam à construção da compreensão do texto". Isto é, a leitura deve ser feita de acordo com a realidade do leitor como forma de assegurar que esta tenha um sentido real para o mesmo.

Torna-se importante enfatizar que “o ato de ler é usualmente relacionado com a escrita, e o leitor visto como decodificador da letra” (MARTINS, 2004, p. 6). Na realidade esse conceito é resultado de uma equivocada trajetória que advém de teorias mal interpretadas, as quais refletem no fracasso escolar durante o processo de alfabetização.

Para Bamberger (1987) o desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante que começa no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora, através das influências da atmosfera cultural geral e dos esforços conscientes da educação e das escolas.

Nesse interim, percebe-se o essencial papel da família e do professor nessa construção do hábito de ler, mas realizado com prazer e significância efetiva, não apenas um ato mecanizado e sem compreensão do que se está lendo.

(...) entendemos que o ensino de leitura deve ir além do ato monótono que é aplicado em muitas escolas, de forma mecânica e muitas vezes descontextualizado, mas um processo que deve contribuir para a formação de pessoas críticas e conscientes, capazes de interpretar a realidade, bem como participar ativamente da sociedade (OLIVEIRA e QUEIROZ, 2016, p.2)

Existem várias razões que nos levam a fazer uma leitura, isso pode ocorrer por nosso próprio interesse ou do outro que nos conduz à realização desse ato. O fato é que somos estimulados de alguma forma, e utilizamos a leitura para vários fins: como fonte de informação de caráter geral ou específico; como via acesso ao mundo criado pela literatura; para seguir instruções (saber como fazer); para aprender; para revisar nossos próprios escritos; por prazer, etc. Não podemos nos esquecer de que fazemos leitura de tudo o que está ao nosso redor; estamos lendo o tempo todo e isso tem de se fazer notório para o aluno. Partindo desse pressuposto, a escola não deve delimitar o significado e a função que se atribui à leitura.

Segundo Raimundo (2007, p. 112), “O leitor que teve contato com a leitura desde cedo dentro de sua casa é diferenciado ao saber reconhecer os signos com maior facilidade que um aluno que teve seu primeiro contato ao entrar na escola.” Assim como a escola tem papel fundamental no perfil do aluno leitor, a família é imprescindível nesse processo de formação, por isso a leitura quando iniciada no ambiente familiar pode fazer

com que o leitor tenha mais facilidade em compreender textos, havendo uma percepção de mundo melhor. Concordando que

(...) o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador, anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem. (FREIRE, 1989, p.28,29)

A relação da criança com a leitura deve ser uma prática que conduza o progresso da complexidade do pensamento, em suas nuances e respeitando seu desenvolvimento. As leituras as quais as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental são expostas devem ser refletidas no planejamento do professor como uma ponte para o aprendizado com qualidade.

### **A literatura para crianças**

É na infância que os leitores fluentes, competentes e críticos são estimulados, quer sejam pelos pais ou pelos professores, neste período se faz necessário uma prática constante. O primeiro contato com a leitura literária é através da oralidade, sendo o adulto o intermediário do processo de formação leitora da criança.

É de suma importância que a criança seja inserida no mundo da literatura desde pequena, permitindo assim, um melhor desenvolvimento do pequeno leitor. A escola tem um papel primordial neste contexto, propiciando assim, o envolvimento, o interesse, o contato com a literatura de maneira prazerosa e significativa, produzindo desta forma condições favoráveis para a aprendizagem. Para Abromovich (1997), contar história é uma arte, é o equilíbrio do que é ouvido com o que é sentido, é um momento único, prazeroso e pessoal.

A criança deve ter o contato com vários gêneros literários de modo que lhe atraia, que lhe seja deslumbrante, que a mesma possa manusear os livros, recontar e/ou criar histórias, interagir favorecendo assim, o hábito de leitura.

A literatura infantil é essencial para formação de futuros leitores, ela deve ser apresentada as crianças através de atividades prazerosas, que seja utilizando contos de fada, fábulas, gibis, mitos e ou lendas. Deve ainda, fazer parte da rotina escolar, de maneira envolvente, lúdica e prazerosa para que dessa forma possa contribuir na formação leitora das crianças, tornando-se adultos com hábito de leitura. Nesse sentido, Aguiar (2001, p.134) salienta que “Formar leitores é tarefa complexa que desafia professores, bibliotecários e educadores em geral, especialmente nesta época tão dominada pelos meios de comunicação de massa, sobretudo pela televisão.”

Assim, Freire (1993) pontua que as escolas deveriam estimular o gosto da leitura e da escrita durante todo o tempo de sua escolarização, que estudar não seja visto como um fardo e ler uma obrigação, mas uma fonte de alegria e de prazer.

Bamberger (1988, p. 32) destaca o papel do professor como motivador para que ler seja um momento que tenha alegria para praticar as habilidades, prazer da atividade intelectual e domínio da habilidade mecânica. O professor deve ser antes de tudo um leitor assíduo e demonstrar interesse pela leitura, bem como selecionar livros adequados para a idade do aluno, realizar leitura em voz alta, apresentar autores e obras.

Se o professor responder a essa motivação com material de leitura fácil, emocionante, apropriado ao grupo de idade específico, e desenvolver esse primeiro material com livros de dificuldade crescente, as crianças se tornarão bons leitores. Um bom leitor gosta de ler. (BAMBERGER, 1988, p.32).

A preocupação é latente, pois o sucesso na vida escolar está intimamente entrelaçado à leitura. Seja qual for a área de conhecimento é necessário que haja leitura e interpretação do que se está expondo e repassando.

Diante disso, o ato de ler também expõe a importância de se comunicar, porque a escola é o espaço em que esse hábito não se dissocia em hipótese alguma do ato de aprender e ensinar, por isso, tamanha é a responsabilidade do êxito do processo de alfabetização.

Os primeiros contatos com o livro infantil são recheados de informações que aproximam a criança da leitura de mundo e auxilia na própria construção de sua imaginação, sendo útil para a socialização entre o imaginário e a socialização entre seus

pares que estão em seu entorno. Propõe-se também a interação entre sujeito e o meio ao qual está inserido.

O principal objetivo da leitura é a compreensão, a comunicação e a indicação do que se pode melhorar para ir à frente em suas competências nas demais áreas. É necessário que o contato com o livro aconteça de forma não obrigatória, sendo apresentado como instrumento de agradável manuseio e estimule a imaginação, a criatividade e a aprendizagem prazerosa. Carvalho (1989, p. 19) acrescenta que “tirar da criança o encanto da fantasia pela arte, particularmente a arte do desenho, da forma das cores e da literatura (que representa todas), é sufocar e suprimir todas as riquezas do seu mundo interior”.

O contato com a literatura infantil representa o estreitamento entre o ato de ler e a ação do escrever, mesmo que as primeiras histórias que a criança apresenta sejam para o professor uma forma inicial. Ainda que não apresentem a linguagem de acordo com a norma culta da escrita, pois isso será aperfeiçoado com o passar do tempo e quando a maturidade da aprendizagem fluir.

Ao elaborar seu próprio texto, a criança apresenta elementos que necessitam serem explorados, como a concordância das palavras, coerência entre as ideias, memorização de termos, emprego de verbos, entre outros fatores que auxiliam na compreensão de um texto. “Um dos objetivos sintomaticamente ausentes dos programas de alfabetização de crianças é o de compreender as funções da língua escrita na sociedade” (FERREIRO, 1992, p.19).

As ações existentes na dialética da leitura e escrita devem observar a faixa etária, para que se obedeça a certos critérios dentro da literatura destinada a cada período de vida. Inserir literatura como, por exemplo, os contos de fada, na metodologia poderá auxiliar no processo de abstração do pensamento e remetê-lo a um ambiente que faz parte do seu interesse e a aprendizagem se tornará agradável (BETTELHEIM, 1980).

A dramatização, as artes plásticas e ilustrações contidas nos livros de literatura infantil possibilitarão ao aluno descobrir um sujeito que aprecia a liberdade de criar, recriar, sentir-se valorizado e aprimorar seus conhecimentos em relação ao universo da aprendizagem da linguagem e escrita. Todavia, não podemos esquecer que as leituras não mais se prendem somente aos livros, mas também nos meios digitais.

Além disso, a cada momento, multiplicam-se as demandas por práticas de leitura e de escrita, não só na chamada cultura do papel, mas também na nova cultura da tela, como pode ser chamado o conhecimento mobilizado pelos meios eletrônicos. Por isso, se uma criança sabe ler, mas não é capaz de ler um livro, um jornal, ou se sabe escrever palavras e frases, mas não é capaz de escrever uma carta, ela é alfabetizada, mas não letrada.<sup>1</sup>

Gera-se discussões sobre a real eficácia dos métodos de ensino utilizados em sala de aula e de como estes podem ser reformulados visando o pleno desenvolvimento do educando.

### **A alfabetização na contemporaneidade: desafios a serem superados**

Atualmente, vários são os questionamentos acerca do ensino/aprendizagem da leitura. Presenciamos algumas situações com relação ao fracasso da leitura escolar, dentre elas: o aluno que não consegue interpretar textos, mesmo estando alfabetizado, ele não compreende o que leu. Isso se deve à falta de leituras significativas, principalmente na fase de alfabetização. Kleimam (2000) critica uma concepção utilizada com frequência no trabalho com a leitura, a de que o texto é um depósito de informações, veiculadas pelas palavras cujo leitor busca o sentido das palavras, uma a uma para chegar cumulativamente a mensagem. Dentro dessa realidade, o que vemos são leitores inertes e acomodados, incapazes de apropriarem-se do verdadeiro sentido da leitura, visto que, os mesmos são apresentados a textos fragmentados. Percebe-se ainda, a metodologia da leitura mecânica, onde o principal objetivo é responder a questionários, e as respostas são encontradas num simples passar de olhos pelo texto. Para Costa (2003, p.4):

A linguagem não funciona dessa maneira isolada: ela é associativa, uma rede de sentidos. Erra, mais ainda, o professor ao deixar de investigar com maior profundidade o pensamento expresso no texto. Em lugar desse questionamento, o professor transfere ao aluno a capacidade de opinar: sem que o estudante tenha sequer compreendido o texto, já está o professor a perguntar-lhe a opinião.

---

<sup>1</sup> Ibidem (3)

O posicionamento crítico, a concordância ou discordância com o autor.

A criança deve ser estimulada a opinar criticamente perante os textos, aprender a ponderar quanto a intenção do autor e suas opiniões, como também, debater sua opinião com a do autor. E, como consequência adquirir novos conhecimentos.

Sabemos que o processo não se completa ao fim do ciclo de alfabetização, é preciso se colocar em evidência para que haja uma ligação coerente entre o ensino e aprendizagem. Bronckart (1999, p. 103) aponta que "a apropriação dos gêneros que é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas". É na escola que as possibilidades de contato com os diversos gêneros textuais são colocadas para o aluno como um arcabouço de diversidades textuais e considerando a complexidade para que possa manter a qualidade e elevar o desempenho acadêmico, postulado pelo desenvolvimento de competências que o auxiliarão para sua vida escolar e posterior a ela.

Para que o fim do processo de alfabetização se torne exitoso, as metodologias aplicadas em sala de aula são de fundamental importância para que isso ocorra. Vale salientar, que não é o único fator preponderante, os recursos que são anexados ao desenvolvimento das metodologias também são importantes para o processo ser atrativo. Associado a organização das atividades escolares, os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental II, ressalta:

A escola deverá organizar um conjunto de atividades que possibilitem ao aluno desenvolver o domínio da expressão oral e escrita em situações de uso público da linguagem, levando em conta a situação de produção social e material do texto (lugar social do locutor em relação ao(s) destinatário(s) e seu lugar social; finalidade ou intenção do autor; tempo e lugar material da produção e do suporte) e selecionar, a partir disso, os gêneros adequados para a produção de texto e a leitura, operando sobre as dimensões pragmática, semântica e gramatical. (BRASIL, 1998, p. 49)

Notoriamente, o planejamento que é traçado pelo professor será mais amplo, pois são necessários objetivos de aprendizagem que permitam a ação pedagógica focada, a seleção cuidadosa dos conteúdos aplicados e, não menos importante, o processo avaliativo que se pretende averiguar a aprendizagem. Com a visão de reavaliar e replanejar para o caso de não se ter atingido os objetivos desejados.

Na faixa etária que se aplica as turmas do ciclo de alfabetização dos anos iniciais do Ensino Fundamental, 1º ao 3º ano, oferece o contato com gêneros textuais como parlendas, trava-língua, poemas, contos de fada, histórias em quadrinhos, tirinhas, bilhetes, músicas, entre outros, são formas do profissional de educação proporcionar a melhoria na oralidade. Conseqüentemente, chamar a atenção dos alunos para o interesse e por fim, atrair sua atenção por meio do lúdico também poderá auxiliar na leitura e escrita.

### **A formação de alunos leitores**

Um dos pressupostos para formar alunos leitores é proporcionar-lhes leitura, contudo, não se pode ser uma leitura qualquer e oferecida de qualquer modo, há de se traçar metas e objetivos para realizar comparativos de avanços, permanências e/ou retrocessos:

Os objetivos e propósitos das atividades de leitura e escrita são estabelecidos a partir do reconhecimento do caráter sócio-interativo da linguagem, da consciência de que as várias configurações textuais são determinadas pelo conjunto de convenções estabelecidas socialmente. Assim, as atividades de leitura e produção devem ser realizadas de forma que o aluno possa refletir sobre o texto, considerando: autor, destinatário, situação de produção, situação de recepção, projeções das dificuldades do leitor ou escritor, intenções e fatores motivadores do texto, enfim, suas condições de produção (LEAL, 1999, p. 37-38).

Devemos considerar também, que o nível de aprendizagem que o aluno se encontra é um fator positivo para estimular a curiosidade em decifrar as letras desenhadas

nas páginas que trazem mensagens escritas. Histórias, contos, crônicas entre tantos outros, podem e devem ser ofertados para os alunos como uma maneira de aumentar o nível de dificuldade. Em suma, a maneira como os textos são apresentados e a leitura prévia do professor são pontos fundamentais para que possam ser deduzidas hipóteses e conduzir a aprendizagem de modo que fortifique as competências já desenvolvidas de cada um dos educandos que estão sob sua circunscrição docente.

Observar-se-á a evolução do processo de comunicação que anda entrelaçado com a escrita, o processo de alfabetização se encontra cercado de recursos que podem servir para enriquecer a construção da aprendizagem significativa. A visita a um local específico da escola, a biblioteca, é um espaço que com certeza servirá como o ponto de apoio para a leitura e este espaço deve ser vivido pelo aluno e professor que se tornará leitor. A biblioteca é vista muitas vezes como um lugar em que são armazenados livros para leitura, um lugar destinado a alunos considerados indisciplinados, ou ainda, de disseminação da informação. (AMATO E GARCIA, 1998).

Os espaços que são proporcionadores de leitura, que incentivam a investigação e estimulam a imaginação, a dramatização e a oralidade são fundamentais para o desenvolvimento da competência leitora. Portanto, o professor é um grande estimulador do ato de ler. FREIRE (1989, p.28-29) concorda que:

(...) o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador, anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem.

Sendo uma das permanências mais importantes no processo de alfabetização, o papel do professor, que se apresenta como um colaborador do processo de ensino e aprendizagem, na construção das primeiras palavras transfere ao aluno uma segurança de que a qualquer momento será amparado em um possível deslize. Assim, a leitura compartilhada, com o professor e com a turma é uma metodologia que se insere de forma positiva.

A produção de suas próprias histórias, a dramatização o desenho, entre outras metodologias podem funcionar como meios estimuladores e que auxiliarão no processo de

alfabetização. Nas palavras de Vygotsky (1998) todo gesto tem um significado, simbolizam atos, ações, sentimentos e objetos internalizados no imaginário. Acrescenta, que “o gesto é o signo visual inicial que contém a futura escrita da criança, assim como uma semente contém um carvalho” (VYGOTSKY, 1998, p. 141).

Expondo que a escrita está imbricada no processo de alfabetização, um entrelaçado no outro, interdependentes, que a escola, por ser um espaço social e a leitura ligada diretamente a este espaço passa para o aluno formado leitor um ambiente de interações entre sujeitos e que escrevem e sujeitos que interpretam, sendo um complemento do outro. (CAGLIARI, 2002)

Sendo a alfabetização o momento de maior contato com textos, é evidente que haja uma curiosidade natural para tentar descobrir o que cada grupo de letras traduz.

## **Metodologia**

A pesquisa realizada é de cunho qualitativo, pois está embasada no método analítico que se preocupa com as especificidades dos fenômenos humanos e sociais, conforme frisado por Goldenberg (1999, p. 34)

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõe-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria.

. O instrumento de coleta de dados foi um questionário (apêndice 01) aplicado com professoras do Ensino Fundamental Anos Iniciais, do 1º ao 3º (período de alfabetização), de duas escolas municipais do município de Alto do Rodrigues/RN.

Os dados foram analisados com base na Análise de conteúdo (BARDIN, 1977) e as categorias foram definidas a posterior. Algumas das categorias como concepção de leitura literária, alfabetização, avaliação, e práticas pedagógicas são explicitadas nos tópicos dos resultados.

## Concepção de Leitura Literária

Foram aplicados questionários com professoras que atuam do primeiro ao terceiro ano do ensino fundamental.

A faixa etária das participantes da pesquisa foi de 36 a 46 anos. Todas as participantes são do sexo feminino. Com relação a formação, as professoras são licenciadas em pedagogia, 4 fizeram o curso em uma universidade federal, 2 estudaram em uma universidade estadual e 1 fez o curso em uma instituição de ensino superior privada.

A partir da organização dos dados questionários é possível visualizar concepções das docentes acerca da literatura. Nas respostas das professoras identifica-se a concepção da literatura como disciplina presente no currículo escolar:

“É uma disciplina onde trabalhamos os contos infantis, fábulas e histórias em sala de aula para ajudar na leitura e escrita dos alunos (PROFESSOR B)”.

A literatura associada ao ensino de regras, comportamentos na perspectiva moralizante é percebida no trecho a seguir:

Literatura é a apresentação e histórias fictícias, folclóricas ou culturais, explicitando fatos com moral da realidade ou que faça o receptor imaginar (PROFESSOR E).

A fala da professora remete a reflexão de Paiva e Oliveira (2010) acerca das histórias criadas para o público infantil. Algumas vezes é perceptível uma simplificação da linguagem simplista a partir do princípio da diferença de capacidade intelectual da criança e, portanto, inapta para a compreensão de metáforas ou figuras de linguagem que exigem capacidade de representação e abstração. Para a professora E a literatura apresenta “a moral da história”:

Ou, em outros casos, não raros, escritores tentam inculcar o tom moralizador para marcar sua obra. Contrária assim, a pretensão de agradar o gosto e satisfazer o apetite intelectual infantil, causando,

no entanto, o desprezo da criança pela obra (PAIVA; OLIVEIRA, 2010).

As duas concepções abaixo apresentam as contribuições da literatura para o desenvolvimento psicológico, bem como para os processos de ensino e aprendizagem:

Literatura é a arte da palavra, que nos permitir interagir com o mundo imaginário-autor-obra, nos tornando pessoas mais cultas, dinâmicas e criativas (PROFESSOR G).

Serve para o desenvolvimento cognitivo, contribuindo para o aprendizado em outras áreas de conhecimento. Assim como também é uma fonte de lazer (PROFESSOR C).

As pedagogas ressaltam o planejamento pedagógico como norteador das atividades de leitura e escrita. Elas apresentam ainda atividades que envolvem a literatura infantil associada ao trabalho pedagógico principalmente no que se refere às práticas de alfabetização:

Planejo semanal: com a leitura deleite e depois a oralidade, tiro a palavra chave e trabalho a sílaba, com ditado e leitura de cartaz. Trabalho com separação de sílabas, retirar da leitura os encontros vocálicos (PROFESSOR B).

O meu planejamento pedagógico é feito com objetivo que o aluno não só decodifique as palavras, mas extraia sentido e compreensão do que lê. A função da literatura infantil é desenvolver o lúdico e imaginário da criança (PROFESSOR C).

Utilizo a literatura infantil como metodologia de incentivo a leitura, estímulo a imaginação e criatividade através da leitura deleite (PROFESSOR D).

Nas respostas apresentas acima a literatura infantil está associada ao ensino da leitura e da escrita. No primeiro trecho a professora apresenta a leitura deleite integrada

as atividades de desenvolvimento da oralidade e de aprendizagem de conceitos referentes à consolidação da alfabetização nos primeiros anos do ensino fundamental.

Na minha opinião, o planejamento é necessário, pois no planejamento buscamos melhorar nossa prática docente e refletimos sobre os objetivos que desejamos alcançar, sendo assim, as atividades desenvolvidas serão articuladas de forma consciente, com clareza e flexibilidade (PROFESSOR A).

Buscamos abranger vários tipos de gêneros literários nos nossos planejamentos, para formar leitores, e incentivar a busca cotidiana pela leitura (PROFESSOR E).

O planejamento é a principal ferramenta de trabalho do professor. Planejar é dar tempo para pensar a prática, antes de realizar, esquematizando os elementos mais importantes numa sequência de atividades tanto na escrita como oral (PROFESSOR F).

O planejamento pedagógico é fundamental para o bom desempenho do processo de ensino/aprendizagem em especial para realizar uma boa aula de leitura e escrita, isto porque não há como desenvolver um bom trabalho sem planejamento (PROFESSOR G).

A escola é o ambiente favorável para formação de alunos leitores, e para que isso aconteça é necessário que a mesma disponha de momentos agradáveis para o uso da literatura infantil. Quanto aos projetos escolares relacionados as práticas da leitura literária infantil, as professoras participantes apresentaram propostas diferentes nas escolas que trabalham:

Especificamente para literatura não, mas a literatura/leitura está presente em todas as propostas de intervenção pedagógica e de planejamento da escola (PROFESSOR A).

Os projetos de leitura desenvolvidos na escola são ligados a sala de leitura os quais são desenvolvidos junto as turmas da escola (PROFESSOR D).

Ler e Encantar. Porque esse tema foi criado para divulgar ideias e matérias que incentivem a formação de leitor através de motivação para a leitura (PROFESSOR F).

Nos trechos acima está explícito diversas perspectivas da leitura de literatura no contexto escolar. No discurso da professora A percebe-se a leitura como temática transversal ao planejamento e prática pedagógica, já na resposta da professora D, as ações da escola referente a leitura e a literatura estão associadas a sala de leitura. O depoimento da professora F apresenta uma proposta de projeto com a finalidade de desenvolver habilidades de leitura na escola contribuindo para a formação do leitor.

## **Alfabetização**

Para alcançarmos o sucesso do letramento literário, os educandos precisam ir além da simples leitura, como é visível nos relatos das professoras. Como diz Cosson (2012, p. 26): “apenas ler é a face mais visível da resistência ao processo de letramento literário na escola.” O autor também destaca:

No ambiente escolar, a literatura é um lócus de conhecimento e, para que funcione como tal, convém ser explorada de maneira adequada. A escola precisa ensinar o aluno a fazer essa exploração (COSSON, 2012, p. 26)

Consideramos relevante compreender a concepção de alfabetização das professoras alfabetizadoras. Com base no ponto de vista das mesmas, percebemos nas falas das professoras E, D e G a compreensão do processo de alfabetizar não somente como o ato de decodificar símbolos gráficos. Elas assimilam que alfabetização e letramento se completam. Como bem destaca a autora Soares (2008), alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código linguístico para exercer o uso da leitura e da escrita. Já letramento é o uso contínuo das habilidades de leitura e escrita que o sujeito estabelece com seu meio social.

Alfabetizar não é tarefa fácil, pois letrar é levar a criança a buscar a prática da leitura e escrita cotidianamente (PROFESSOR E).

É um processo complexo que se constitui durante o processo de ensino/aprendizagem ao qual é composto por letramento e códigos que são aprendidos, na maioria das vezes na escola (PROFESSOR D). Alfabetizar é conduzir o aluno ao mundo encantado da leitura e da escrita, fazendo o aluno interagir com o meio em que vive como um todo (PROFESSOR G).

Divergente das professoras acima, a professora B apresenta uma concepção de alfabetização pautada nos atos de codificação e decodificação. Nessa perspectiva o ensino da leitura e escrita está associado as relações grafema-fonema e suas correspondências no momento de escrever ou ler um texto. Na palavra da professora B:

Ato de ensinar a ler e escrever corretamente (PROFESSOR B).

No excerto acima, o ensino da leitura e escrita é perpassado no discurso da professora B através da perspectiva de ler e escrever “corretamente”. Essa noção pode privilegiar práticas de alfabetização arraigada no ensino e memorização de regras gramaticais e ortográficas.

Quanto a responsabilidade do professor nos processos de alfabetização, o professor F destaca a relevância da mediação pedagógica para a apropriação de conhecimentos referentes a leitura e a escrita no contexto escolar. Na visão do professor F faz-se necessário ao docente compreender a função da docência e suas implicações para a alfabetização. Nas palavras do professor:

Ser consciente de seu papel no processo de alfabetizar (PROFESSOR F).

Já as professoras C e A percebem a alfabetização como um processo de construção de conhecimento contínuo e que cada aluno tem um ritmo próprio. É fundamental ao professor o respeito ao ritmo de aprendizagem de cada aluno, sendo extremamente

necessário buscar estratégias que potencializem os processos de aprendizagem dos discentes:

É um processo contínuo de aprendizagem, visto que estamos sempre aprendendo. Quando se refere aos alunos dos anos iniciais, dizemos que eles estão alfabetizados, quando sabem ler e compreendem a leitura realizada (PROFESSOR C).

É a apropriação do sistema da leitura e da escrita, o qual entendemos como processo gradual, onde cada aluno tem seu próprio ritmo (PROFESSOR A).

Em relação aos alunos com deficiência e como eles estão incluídos no processo de alfabetização e na leitura de livros literários, os discursos apresentam os dilemas da participação e aprendizagem desses discentes na sala de aula regular. Na fala da professora D, não existem atividades individualizadas que possam contribuir tanto para a alfabetização como para o estímulo da formação leitora dos educandos com deficiência na interação com os pares sem deficiência.

Sim. Na verdade, eles estão nas salas regulares, mas não há atividades diferenciadas e não há acompanhamento específico com eles, se torna difícil também, devido a quantidade de alunos em sala (PROFESSOR D).

A professora E, também confirma que os alunos estão nas turmas regulares, no entanto a mesma afirma que existe um trabalho com profissionais especializados da Secretaria de Educação, onde o educando tem atendimento individualizado.

Sim. Estão no ensino normal e regular, porém depende da deficiência para ter um processo diferenciado. Boa parte são atendidos pela equipe multidisciplinar da secretaria de educação e acompanhados na sala de leitura e também pelos professores (PROFESSOR E).

As educadoras discorreram sobre experiências positivas com relação a leitura de livros literários para o processo de ensino e aprendizagem. As professoras B, D e F, destacam os projetos desenvolvidos por elas, bem como os resultados positivos.

Já a algum tempo trabalhei com um projeto voltado a leitura de livros, foi muito proveitoso com isso consegui alfabetizar alguns alunos que se encontravam com deficiência na leitura e na escrita (PROFESSOR B).

Os projetos de leitura que são desenvolvidos na escola, em especial, a mochila da leitura. Os alunos levam a mochila com o livro escolhido para casa. Em casa junto com seus familiares, devem ler, e ao retornar para sala e ler para a turma, isso fez com que toda turma tivesse contato com vários gêneros textuais e explicasse a sua maneira como entendeu a história (PROFESSOR D).

Eu já tive uma experiência positiva onde trabalhei no projeto de leitura e escrita onde o tema foi "A leitura faz a diferença" com minha turma do 1º ano (PROFESSOR F).

Na resposta da professora E percebemos a importância de uma escola com uma sala de leitura que possibilita a inserção da leitura literária, pois a mesma favorece a formação de alunos leitores. Outro fator que contribui para a formação de leitores é a oportunidade de empréstimos dos livros literários da escola para os discentes, possibilitando assim, um maior acesso aos livros.

Com o hábito de leitura para as crianças cotidianamente, eles sentem vontade de lê e retirar o livro para levar para casa, além de conhecer autores como: Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Tatiana Belinky, Maurício de Sousa, Grimm, Esopo e outros (PROFESSOR E).

## **Práticas Pedagógicas**

Para que o professor possa devolver as habilidades intelectuais e pessoais do seu aluno, destacamos que é preciso dar condições para que esse aluno construa práticas de leitura nas dimensões de estética, fruição e pelo prazer dos processos de significação e imaginação advindos da leitura literária. As professoras C e G, defendem que o acesso a obras literárias estimula a ludicidade e a imaginação infantil, possibilitando assim, a criação, a fantasia, o pensamento e a liberdade.

Ajudam na realização do desenvolvimento cognitivo, como também no lúdico da criança. Quando no livro há gravuras, os alunos que ainda não ler textos fazem a sua própria leitura de acordo com o contexto onde vive (PROFESSOR C).

A criança na fase de iniciação escolar está descobrindo o mundo encantado da literatura infantil. No entanto é primordial que o professor os ponham em constante contato com os textos literários (PROFESSOR G).

Desse modo as professoras compactuam com o pensamento de Queirós (2009) acerca dos rebatimentos da leitura literária e o contato com o mundo ficcional nos processos cognitivos dos seres humanos. As interfaces da realidade e fantasia abrem um leque de possibilidades de significação e subjetividade na interação leitor e obra literária. As práticas pedagógicas podem possibilitar vivências e práticas de leitura de literatura na educação infantil e conseqüentemente influenciar os aspectos subjetivos e cognitivos dos discentes.

As professoras descreveram as observações dos comportamentos dos alunos no manuseio e leitura dos livros infantis. As pedagogas ponderaram sobre os aspectos positivos do contato dos educandos com os livros.

Sim. Interesse na leitura, observação das gravuras e concentração (PROFESSOR C).

Sim. Eles interagem ativamente com os textos lido, imaginando as situações propostas pelo autor (PROFESSOR G).

A escola através de diferentes espaços pode favorecer a acessibilidade a leitura, por meio da disponibilidade de obras literárias. A organização pedagógica dos espaços e das práticas na escola pode despertar o interesse pela leitura. Mais uma vez, percebe-se nas falas das professoras B e E, a responsabilidade da escola no acesso a diversas práticas de leitura e escrita contribuindo para a alfabetização, letramento e formação de leitores.

Não cheguei a tal observação, pois eles têm momentos que utilizam a sala de leitura com os responsáveis da sala. Os pontos é que vejo alguns deles com livros que a sala de leitura empresta para levarem e lerem em casa (PROFESSOR B).

Sim. Com frequência eles retiram livros na biblioteca e logo começam a lê e contar o que aconteceu, narrando fatos de acordo com os acontecimentos e rindo, pedindo que eu leia para eles na hora da roda (PROFESSOR E).

Dessa forma, as atividades pedagógicas desenvolvidas na sala de leitura e ou biblioteca pode favorecer a leitura literária através de diferentes estratégias, práticas e na interação dos discentes com os professores, bibliotecários e seus pares. Pois em algumas instituições estes ambientes escolares são utilizados para outras finalidades:

A biblioteca é vista muitas vezes como um lugar em que são armazenados livros para leitura; um lugar destinado a alunos considerados indisciplinados, ou ainda, de disseminação da informação. (AMATO E GARCIA, 1998, p. 13).

Já nas respostas abaixo podemos perceber a preocupação da professora D com a falta de incentivo por parte da família, bem como os meios tecnológicos que vem cada dia afastando o contato com o livro. De acordo com a fala da mesma os aparelhos tecnológicos são utilizados apenas para diversão, porém, encontramos um aparato tecnológico que nos permite realizar leitura através de literatura em pdf, audiolivros, entre outros. A professora F destaca a importância de ações dos educadores voltadas para práticas de leituras.

Não. Falta incentivo dos pais que cercam as crianças com jogos eletrônicos que servem apenas de entretenimento (PROFESSOR D).  
É preciso observar que nós formador dos educandos temos que criar oportunidade para que os alunos desenvolvam capacidades leitoras (PROFESSOR F).

Nos processos de ensino e aprendizagem da leitura e escrita, faz-se necessário selecionar estratégias metodológicas no contexto escolar que possibilitem o contato com os textos literários. Esse contato com a literatura traz diversas implicações no desenvolvimento de habilidades referentes à escrita e a leitura no contexto escolar.

Leitura realizada pelo professor, leitura dirigidas, leituras espontâneas, previsão de leitura a partir do título ou gravura, dramatização do texto lido, realização do trabalho da coesão dentro do texto (PROFESSOR C).

Leitura deleite: é o momento da rotina diária que ocorre a contação de história, numa roda as crianças ouvem e podem opinar na atitude dos personagens e até modificar a moral da história ou o final dela (PROFESSOR D).

Leituras silenciosas, compartilhada, deleite, contação por imagens ou recontação de histórias, reescrita de histórias, interpretação orais e escritas, buscando sempre o lê e o escrever ser um prazer (PROFESSOR E).

O educador deve conhecer os fundamentos teóricos que orientam as metodologias pedagógicas para o letramento literário escolar. Para Solé (1998) as estratégias para a compreensão dos textos não emergem, não se desenvolvem, precisam ser ensinadas para a formação de leitores autônomos.

Percebemos nas respostas das professoras que todas apresentam sua visão sobre a função do letramento literário, que compreendem a necessidade de utilizar diferentes estratégias no contato com literatura no contexto escolar. Desse modo, Cosson (2012, p.

23) esclarece que “o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola.”

As professoras apresentam as dificuldades dos alunos encontradas no que se refere as habilidades de leitura e escrita; dentre elas são citadas: a falta de interesse do alunos, a distração e a falta de estímulo por parte da família. As docentes também mencionam as facilidades encontradas no processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita, das quais destacamos: o processo de leitura silabando, leitura e compreensão de pequenos textos e alunos na faixa etária correspondente ao seu ano escolar.

São muitos distraídos por isso atrapalha e conversam muito depois que vem do intervalo. As facilidades é que no início trabalha-se ditado e eles fazem sem dificuldade, eles leem silabando para saber o som das sílabas (PROFESSOR).

Não conseguem juntar sílabas para formar palavras, falta de ajuda em casa, falta de interesse. Conseguem ler pequenos textos fazendo compreensão, escrevem pequenos textos e frases (PROFESSOR C).

Dificuldades: Acompanhamento da aprendizagem por parte da família nas tarefas escolares. Facilidades: Ter uma turma com faixa etária (PROFESSOR E).

## **Avaliação**

Com relação aos instrumentos de avaliação utilizados durante o processo de alfabetização, as professoras apresentam os instrumentos e finalidades da investigação no contexto escolar. Destacamos assim, as falas das educadoras A e G em consonância com a orientação do MEC acerca da avaliação:

“A diversidade de instrumentos de avaliação é a estratégia mais segura para obter informações a respeito dos processos de aprendizagem. É fundamental a utilização de diferentes códigos, como o oral, o escrito, o gráfico, o pictórico, o numérico. Além da prova e do teste, podem-se acrescentar a observação sistemática

(através de registros em tabelas, listas de controle, diário de classe etc.) e a análise das produções dos alunos". (MEC, 1997)

Considerando as potencialidades dos alunos; Investigar e mediar o aprendizado individual; Intervir e diversificar as estratégias para promover a progressão da aprendizagem, permitindo aberturas para novas capacidades (PROFESSOR A).

Observação nas aulas trabalhadas, anotações, relatórios diagnósticos, nos aspectos cognitivos – social e motor (PROFESSOR G).

O uso de diversos instrumentos de avaliação, e principalmente trabalhar com a avaliação contínua são destacados pelas professoras, pois é através dessa avaliação que o professor acompanha o passo a passo do aprendizado de seu aluno, sendo assim, percebe os avanços e lacunas nos processos de ensino e aprendizagem.

Já no final da fala da professora B, destacamos que a mesma discorda da avaliação feita pela escola, que seria através de teste, divergente da concepção de Vasconcellos (1993, p.44): "A prova é apenas uma das formas de se gerar nota, que por sua vez, é apenas uma das formas de se avaliar." As provas e teste são instrumentos de avaliação, contudo não expressam as diferentes habilidades dos discentes:

O interesse, a participação nas aulas, a oralidade, as atividades de casa e de sala, trabalhos individuais e em grupos. Mas a escola avalia pelo teste que acho muito errado (PROFESSOR B).

Processo contínuo (PROFESSOR C).

Avaliação contínua, observando os aspectos afetivos, cognitivos e psicomotores (PROFESSOR E).

Diante desta análise compreendemos que a leitura literária deve ser realizada com prazer, despertar na criança o imaginário, o encantamento, a curiosidade, o questionamento, e identificações com os personagens. Essas leituras devem vir apresentadas com criatividade e motivação, o professor deve ter conhecimento da importância do lúdico nas atividades de leitura, para que o mesmo alcance seus objetivos,

ou seja, inserir a criança no mundo da leitura e suas possibilidades, tornando-a um leitor crítico.

Como bem observa a professora C, a literatura infantil tem uma função importante no desenvolvimento cognitivo da criança. Abramovic (1997) ressalta que "O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto!".

No que diz respeito a concepção de alfabetização exposto nas falas das professora C, D, E e G, as mesmas acordam com o pensamento de Soares (2008) onde, alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código linguístico, ou seja, é um conjunto de saberes associados ao uso da leitura e da escrita. Enquanto no letramento é necessário fazer o uso da leitura e da escrita em várias situações sociais. Utilizando-se continuamente as habilidades de escrita e leitura em seu meio social, transforma-o em sujeito atuante com qualidades de conduzir diversos saberes.

### **Considerações Finais**

Destarte, ao abordarmos o letramento literário como ferramenta imprescindível no processo de alfabetização, buscamos demonstrar sua importância para o desenvolvimento do alfabetizando. A formação de uma criança leitora é uma tarefa árdua, mas essencial na atualidade. É necessário compreender que a criança, enquanto sujeito social necessita fazer parte de um grupo, diferenciado de sua família para se munir de instrumentos para o convívio em sociedade ao interagir com seus pares, crianças da mesma idade, e com o professor da instituição, construído subsídios para atuar em situações coletivas de vida em grupo.

Na escola, tem oportunidade de aprender a brincar com crianças da sua idade, exercita a capacidade de imaginar, de criar e dá vazão a fantasia. Pois, enquanto ser simbólico vivencia o mundo mágico do faz-de-conta e, brincando, internaliza e expressa práticas culturais que observou no mundo real que a cerca.

O uso da literatura pode ser um grande aliado, durante o processo de alfabetização, e o professor o mediador capaz de torná-la atrativa e prazerosa, propiciando a criança momentos em que se é possível explorar sua criatividade e imaginação. De acordo com autores como Freire (2008), Soares (2008), Kleiman (2005),

Tfouni (2006) e Abromovich (1997), o processo de alfabetização e letramento compartilhado com a literatura infantil são procedimentos que qualificam o conhecimento e o contextualizam. É importante salientar que nesse momento os benefícios que o ambiente e a cultura fornecem a aprendizagem da criança, no que se diz respeito ao desenvolvimento cognitivo, fará interação entre o desenvolvimento da leitura, envolvendo as características de sociabilidade, como trocas, as atitudes, reações e emoções que envolvem as crianças e o ambiente utilizado.

A criança precisa desde cedo está inserida no universo da literatura infantil, a escola é a principal responsável por essa ação, e cabe ao educador planejar ações onde a leitura literária seja utilizado de maneira significativa. É relevante que no planejamento do professor o livro de literatura infantil não esteja descontextualizado da ação pedagógica, ou seja, que o mesmo não seja utilizado apenas como passatempo. Através de práticas prazerosas, ricas e significativas, a escola aproxima a criança do mundo da literatura infantil, momentos de contação de história, por exemplo, tem o intuito de estabelecer o intercâmbio da criança com a leitura e a escrita, bem como, com a imaginação, a criatividade e a criticidade.

Sabendo que o processo de alfabetização tem se tornado um grande desafio para a escola e para os educandos, formar crianças leitoras é um dos aportes que estão presentes nestas entrelinhas, tendo o foco na escrita e na leitura, a metodologia torna-se um elo entre o mundo letrado e o mundo imaginário.

O ato de ensinar crianças a gostar de ler é uma tarefa que requer ação e reflexão, pois durante o planejamento é que se pensa na intencionalidade que deve ser bem traçada e planeja de forma que respeite o momento de cada indivíduo em sua aprendizagem. Haja vista, não ser unânime o desenvolvimento que ocorre em cada um.

Ao contar com a heterogeneidade é preciso se compreender que cada etapa do ciclo de alfabetização requer um direcionamento. Tal a importância da metodologia, que será aplicada de forma que a aprendizagem efetiva seja uma prática recorrente em todas as etapas do ciclo.

Contudo, o processo de alfabetização está intimamente ligado ao processo de leitura e escrita, por isso, a situação dialética que deve considerar o letramento como um contexto inerente ao processo de alfabetização, já que o aluno alfabetizado deve dominar a leitura dos códigos existentes em cada um dos gêneros textuais. Deve-se levar em conta

que a leitura somente ocorrerá mediante a compreensão desta, para que haja comunicação entre o leitor e a mensagem contida o texto.

Por fim, a importância da metodologia não está em confrontar este ou aquele método e/ou modelo educacional. Mas sim em considerar o ritmo de aprendizagem do aluno, numa prática responsável e consciente tendo o objetivo explícito de formar o aluno dos anos iniciais do Ensino Fundamental um leitor capaz de ler, compreender, escrever, reproduzir suas opiniões com coerência e criticidade que deve acompanhar a sua maturidade cognitiva.

## Referências

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. São Paulo, 1997

AGUIAR, Vera Teixeira de (coord) et alli. **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores**. 4. ed. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

ALMEIDA, M. G. S.. **Fundamentos da alfabetização**: uma construção sobre quatro pilares. Benjamin Constant (Rio de Janeiro), v. ano 8, p. 13/21-21, 2002.

AMATO, Mirian. GARCIA, Neise Aparecida Rodrigues. **A Biblioteca na Escola**. In: NEY, Alfredina. et al. Biblioteca Escolar: estrutura e funcionamento. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: Encontro e Interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAMBERGER, Richard. **Como Incentivar o Hábito de Leitura**. Trad. De Octavio Mendes Cajado. 6. ed. São Paulo, Ática, 1995.

BARBOSA, R. T. P. **A leitura em dois pontos: ler e contar histórias**. Releitura, n. 12, 22/ 03. Belo Horizonte, 1999.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BETTELHEIM, B. A. **Psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BORDINI, M. G. **Literatura na escola de 1º e 2º graus: por um ensino não alienante**. Perspectiva – Revista do CED. Florianópolis: UFSC, 1985.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Sef/Mec. **Parâmetros Curriculares Nacionais; Língua Portuguesa – 5ª a 8ª série**. Brasília: Sef/Mec, 1998.

BRONCKART, J. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: EDUC, 1999.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2002.

CARVALHO, B.V. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. São Paulo: Global, 1989.

CHAVES, Marta. **Práticas pedagógicas e literatura infantil**- Maringá: Eduem, 2011.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012

COSTA, Marta Morais da. **Literatura Infantil**\_ Curitiba IESDE, 2003.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1992.

FERREIRO, Emília. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSK, Ana. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Medicas 1985.

FOUNI, L. V. **Letramento e Alfabetização**. 8. ed. São Paulo. Cortez, 2006.

FRANTZ, M. H. Z. **A literatura nas séries iniciais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23ª Ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

GÓES, L. P. **Introdução à Literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Paulinas, 2010.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record.1999

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo, a criança e a educação**. Petrópolis: Vozes, 1993.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 7. ed. Campinas: Pontes, 2000.

KLEIMAN, Ângela. **Preciso ensinar o letramento: não basta ensinar a ler e a escrever?** Linguagem e letramento em foco. 2005.

LEAL, T.F. **Prática social de leitura. Leitura: teoria e prática**, nº 34, 1999.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MEIRELES, C. **Problemas da literatura infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Alfabetização no Brasil: uma história de sua história** – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

OLIVEIRA, Cláudio Henrique. QUEIROZ, Cristina Maria de. **Leitura em sala de aula: a formação de leitores proficientes**. RN, 2009. Disponível em: <http://www.webartigos.com>. Acesso em 10 de março de 2016.

PAIVA, Sílvia Cristina Fernandes; OLIVEIRA, Ana Arlinda. **A literatura infantil no processo de formação do leitor**. Cadernos da Pedagogia. São Carlos, Ano 4 v. 4 n. 7, p. 22-36, jan -jun. 2010

QUEIRÓS, B. C. de. **Manifesto por um Brasil Literário** 2009.

RAIMUNDO, A. P. P. **A mediação na formação do leitor**. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 3. 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2007.

RONCA, Paulo Afonso Caruso; TERZI, Cleide do Amaral. **O movimento lúdico**. In:\_\_\_\_. A aula operatória e a construção do conhecimento. São Paulo: Editora do Instituto Esplan, 1995.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, Autêntica, 2. ed., 2001.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Trad. Claudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Adultos não-alfabetizados em uma sociedade letrada**. São Paulo, SP: Cortez, 2006.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Avaliação: Concepção Dialético Libertadora do Processo de Avaliação Escolar**. São Paulo : Libertad, 1993.

VIÉGAS, Karla Vignoli. **Ler para gostar de ler**. Revista do Professor. Porto Alegre, V. 13, p. 13-14, out./dez. 1997.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.